
A unidade entre o ser e o pensar na *Ciência da Lógica*

The unity between being and thinking in the Science of Logic

Tomás Farcic Menk¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar uma relação básica sobre a qual a *Ciência da Lógica* está fundamentada, a saber, a unidade entre o ser e o pensar. Hegel afirma, ainda na introdução a obra, que a filosofia deve ter início sem nenhuma pressuposição prévia e, portanto, partir do puro ser totalmente indeterminado. Porém, sendo a lógica a ciência do pensar sobre o pensar, este ser inicial nada mais é do que a primeira posição do pensar e, assim sendo, este puro ser também é um puro pensar, totalmente indeterminado. Desta forma, se tem uma unidade entre ser e pensar, e esta unidade é que será desenvolvida através dos momentos da *Ciência da Lógica*. Porém, ela não permanece imutável ou inalterada, como Hegel acusa a antiga metafísica, identificada na figura de Descartes, Leibniz e Wolff. Muito antes, ela é mediada pelo entendimento, que separa estas duas instâncias e as relaciona. Ao se relacionarem, elas se descobrem como idênticas e surge novamente uma identidade, mas agora não indiferenciada, mas que se conhece e que se sabe como unidade, pois se elevou da certeza à verdade. Por fim, utilizaremos esta leitura de Hegel para contrapor a interpretação de Pippin, tal como expressa na obra *Hegel's Idealism*.

Palavras-chaves: *Ciência da Lógica*, Ser, Pensar.

Abstract: This paper aims to analyze a basic relationship in which the science of logic is based, namely, the unity between being and thinking. Hegel states in the introduction to the work, that philosophy should begin with no prior presupposition and, therefore, starting of the totally indeterminate pure being. However, being logic the science of thinking about the think, this initial being is the first position of thinking, and therefore, this pure being is also a pure thought, totally indeterminate. Thus, there's a unity between being and thinking and this unit is developed through the moments of *Science of Logic*. But it does not remain unchanged or unchanging, as Hegel accuses the old metaphysics, identified in the figure of Descartes, Leibniz and Wolff. Long before, it is mediated by the understanding, that separates these two instances and relates them. In relating they discover themselves identical and an identity arises again, but this time not undifferentiated, but that knows itself and it is known as a unit, because it was raised from certainty to truth. Finally, we'll be utilizing this reading of Hegel to counter the interpretation of Pippin as expressed in the work *Hegel's Idealism*.

Keywords: Science of Logic, Being, Thinking

O nosso trabalho tem como objetivo estudar uma unidade que é apresentada no início da *Ciência da Lógica* de Hegel, a saber, a unidade entre ser e pensar. Para tanto, vamos analisar alguns aspectos da introdução deste texto, a fim de delimitar e problematizar o tema. Hegel, no início da obra, se pergunta pelo começo da filosofia, se ela deve pressupor algum

¹ Doutorando em Filosofia – UFRGS. E-mail: tomas_farcic@yahoo.com.br.

elemento para, em sequência, construir um pensamento sobre esta base ou tentar um começo sem nenhum pressuposto. E se a segunda for verdadeira, como seria possível um começo totalmente indeterminado? Hegel diz que: “em nenhuma ciência que não a ciência da lógica sente-se mais fortemente a necessidade de começar com a questão mesma, sem reflexões preliminares” (HEGEL, 2011, p. 21). Este problema do início da filosofia é recorrente, não só em Hegel, mas em vários filósofos modernos que pretendiam formar uma filosofia sistemática que, assim, desse conta do todo. Mas a questão é como iniciar um pensamento sem pressupostos?

Desde que Descartes instituiu seu método que pretende acabar com todas as verdades pré-estabelecidas no campo da filosofia, vários filósofos posteriores seguiram o mesmo método, entre eles Hegel. Ambos desenvolvem um esforço para que suas filosofias não possuam nenhum pressuposto anterior a ela. Quando Descartes afirma que quer destruir todo conhecimento existente para construir novos saberes sobre novas bases, e Hegel, quando diz que a filosofia, ao contrário de outras ciências, não possui pressupostos, ambos querem dizer que para uma filosofia realmente seja sistemática e idônea, é necessário não utilizar nenhum conhecimento já pré-estabelecido, pois este pode contaminar o desenvolvimento futuro da nova filosofia. Ora, um pensamento verdadeiramente sistemático deve se autossustentar, sendo suas conclusões a base das premissas primeiras, e, portanto, circular.

Este começo pretende eliminar todos os pressupostos à filosofia, e estabelecer ao máximo possível um pensamento sem pré-conceitos, sem influências e sem nenhum tipo de certeza ou verdade anterior ao sistema, que de alguma forma comprometa ou pré-determine as conclusões finais obtidas. Hegel, no primeiro parágrafo da *Enciclopédia*, quando se pergunta sobre o objeto da filosofia, coloca-se justamente esta questão. Todas as outras ciências, como a física, biologia, química, etc., já têm um objeto pressuposto, porém a filosofia, que seria a ciência que trata da verdade, tem que começar pelo puro pensar totalmente indeterminado.

Hegel lembra Reinhold que já acusara esta dificuldade do início indeterminado de um sistema filosófico, e dada a questão, ele prefere tomar um começo hipotético e problemático, que em seu desenvolvimento, levaria à verdade, e posteriormente corrigiria os falsos pressupostos. Hegel nega este ponto de partida, e o estabelece, segundo nosso ponto de vista, na atividade de despertar da consciência para o pensar filosofante.

Hegel afirma que: “o exame do conhecimento não pode ser feito de outra maneira a não ser *conhecendo*². [...] Ora, conhecer antes que se conheça é tão absurdo quanto o sábio projeto daquele escolástico, de aprender a *nadar antes de arriscar-se na água*” (HEGEL, 1995, § 10 Adendo). Segundo Hegel, se aprende nadar nadando; se conhece conhecendo. Portanto, se a Ciência da Lógica é a ciência do pensar, a única forma de conhecê-la é se aprofundando no próprio pensar. Não há atalhos.

Se pensarmos isso na forma de início, temos que só podemos começar algo entrando em contato com a coisa mesma (só se aprende a nadar nadando), ou seja, se Hegel pretende construir um sistema filosófico acerca do pensar, é necessário refletir sobre ele³. Mas

² Grifos do autor.

³ Portanto a ciência da lógica não é uma ciência sobre qualquer tipo de pensar, como o opinar, o devaneio ou o imaginar, mas sim, a do pensar sobre o pensar para se conhecer e se auto determinar.

este primeiro contato não nós diz nada além de uma coisa, que o pensar é. Ora, esta certeza, que o pensar é, é a única coisa que temos; é uma certeza de seu ser totalmente indeterminado, e, portanto, também há um ser totalmente indeterminado. Assim, se lógica é ciência do pensar sobre o pensar, este ser inicial nada mais é do que a primeira posição do pensar, este puro ser também é um puro pensar, totalmente indeterminado. Desta forma, se tem uma unidade entre ser e pensar, e esta unidade é que será desenvolvida através dos momentos da *Ciência da Lógica*.

Hegel escreve, na sua *História da Filosofia* (HEGEL, 1971, p. 131, vol. 20), que “o pensamento é o primeiro; a determinação seguinte acrescenta, diretamente relacionada com ele, a determinação do ser. O ‘eu penso’ possui imediatamente meu ser; e este é, diz ele [Descartes], o fundamento absoluto de toda a filosofia”⁴. Assim, Hegel liga-se à tradição cartesiana que estabelece uma unidade entre o ser e o pensar. Esta é a primeira determinação que podemos alcançar. Nesse sentido, podemos entender as palavras de Hegel (1971, p. 128, vol. 20) quando diz, que tal como ele: “o espírito da sua filosofia [de Descartes] é o saber, o pensamento, a unidade do pensar e do ser”⁵.

Na sua *Ciência da Lógica*, Hegel afirma que:

Essa metafísica [pré-kantiana] considerava que o pensamento e as determinações do pensamento não eram algo estranho aos objetos, mas antes eram a sua própria essência ou as coisas [Dinge] e o pensamento [Denken] dos objetos (assim como a nossa língua indica um parentesco entre esses dois termos) concordam em si e para si, que pensamento em suas determinações imanentes e a natureza verídica das coisas são um e o mesmo conteúdo. (HEGEL, 2011, p. 24).

Novamente Hegel se coloca na tradição que une ser e pensar, pois ambos possuem o mesmo conteúdo. Ora, esta unidade entre ser e pensar levou a alguns autores ingleses atuais a reinterpretarem a metafísica hegeliana. Em Hegel, há a proposta de a lógica substituir o que se costumava chamar antigamente de metafísica e ontologia, porém alguns autores contemporâneos, tais como Robert Pippin⁶ ou Terry Pinkard argumentam que Hegel não faz uma metafísica aos moldes pré-kantianos (de uma unidade imutável entre ser e pensar), mas, sim, extrapola a revolução crítica e, desta forma, ele seria um autor sistemático, e não meramente um metafísico. Pippin afirma que:

Tendo em conta que Hegel chama de sua posição final sobre a "realidade" a "unidade de essência e existência", parece novamente que Hegel ou está defendendo uma espécie de racionalismo pré-kantiano, e assim [...], confundindo as condições de pensamento com as condições de existência, ou ele apela a uma noção de dependência metafísica entre a existência e a essência (PIPPIN, 1989, p. 207)⁷.

É deste equívoco que Pippin quer salvar Hegel. Dado que a relação de unidade inicial da lógica entre ser e pensar se desenvolve até culminar em uma unidade entre essência e

⁴ Tradução nossa. Do original: “Das Denken ist das Erste; die nächste Bestimmung, die hinzukommt, unmittelbar damit zusammenhängend, ist die Bestimmung des Seins. Ich denke, dies Denken enthält unmittelbar mein Sein; dies, sagt er, ist das absolute Fundament aller Philosophie”.

⁵ Tradução nossa. Do original: “Der Geist seiner Philosophie ist Wissen, Gedanken, Einheit des Denkens und Seins”.

⁶ Estes dois autores são os de maior destaque desta interpretação hegeliana, mas podemos encontrar outros que produzem leituras claramente antimetafísicas de Hegel, tal como M. Theunissen, em *Sein und Schein. Die kritische Funktion der Hegelschen Logik*; T. Bole, em *The dialectic of Hegel's Logic as the Logic of Ontology*, 1987; J. Findlay, em *Hegel: A Re-examination*, 1958, e *Hegel's Contemporary Relevance of Hegel*, 1976; K. Hartmann, em *Hegel: A Non-Metaphysical View*, 1976. Estas leituras se colocam principalmente contra a interpretação de Charles Taylor, em *Hegel*, mas também podemos vê-la em W. Walsh, em *Subjective and Objective Idealism*, 1983, e A. Sarlemijn, em *Hegel's Dialectic*, 1971.

⁷ Tradução nossa. Do original: “Given that Hegel calls his final position on “actuality” “the unity of essence and existence”, it would appear again that Hegel is either defending some kind of pré-Kantian rationalism, and so [...], confusing the conditions of thought with the conditions of existence. or he is appealing to a notion of metaphysical dependence between existence and essence”.

existência, poderíamos talvez considerar, tal como Pippin mostra, Hegel como alguém que retoma a metafísica antiga, pois há uma identificação entre a coisa e o pensar. Porém, esta metafísica antiga, tal como exposta por Hegel, possui uma unidade imediata, e ela precisa ser mediada para se tornar conhecimento, ou seja, elevar-se da certeza à verdade. Se considerarmos desta forma, teríamos um espírito totalizador impregnado de racionalidade imanente e transcendente, tal como Pippin acusa Taylor de fazer em sua obra *Hegel*, onde ele defenderia a ideia de um ‘espírito cósmico’. Porém, neste ponto de vista, parece-nos que a mediação perde sua força, e retornaríamos a uma metafísica transcendente e todo o trabalho de Kant teria sido em vão. Nesse ponto, a metafísica hegeliana se igualaria também (se aceitarmos a acusação de Pippin à Taylor) ao conceito de mônada de Leibniz, pois a união entre ser e pensar seria algo ‘indissolúvel’ e ‘indestrutível’. Porém, este argumento é facilmente refutado com a noção de mediação.

Em Hegel, a relação entre ser e pensar não permanece imutável ou inalterada, como ele acusa a antiga metafísica, identificada na figura de Descartes, Leibniz e Wolff. Muito antes, ela é mediatizada pelo entendimento, que separa estas duas instâncias e as relaciona. Ao se relacionarem, elas se descobrem como idênticas e surge novamente uma identidade, mas agora não indiferenciada, mas que se conhece e que se sabe como unidade. Este momento do entendimento, podemos entender como uma retomada da filosofia crítica kantiana.

Nesta filosofia, que Hegel afirma que:

Mas o entendimento reflexionante apoderou-se da filosofia [...]; é preciso compreender com isso o entendimento que abstrai e, assim, separa, persistindo em suas separações. Voltado contra a razão, ele se comporta como entendimento humano comum e faz valer sua opinião que a verdade repousa sobre a realidade sensível, que os pensamentos são apenas pensamento, no sentido de que primeiramente a percepção sensível lhes dá conteúdo [Gehalt] e realidade, que a razão, ao permanecer em si e para si, apenas produz quimeras (HEGEL, 2011. p. 24).

Ao considerar pensamentos apenas pensamentos, somente como abstratos e não como algo concreto, há uma separação entre o ser e o pensar, objetivo e subjetivo. Esta é a acusação de Hegel a Kant, e a forma que ele compreende a filosofia crítica e o papel dela na alteração da compreensão da metafísica. Considerando que Hegel utiliza o entendimento como momento do absoluto, podemos entender que o ser e o pensar são distinguíveis, porém inseparáveis. Este é o ponto de Robert Pippin, onde a natureza como outro do lógico permite o pensar recolher as determinações e mediações constitutivas da experiência que são apreendidas em conceitos. Assim, a alteridade expressa pelo momento do entendimento nos mostra que a filosofia hegeliana não é um retorno à metafísica antiga. Pippin afirma que Hegel seria um pensador que extrapolou esta revolução, mas parece difícil defender esta posição, pois uma radicalização do entendimento, ou levar ao extremo a separação entre os dois elementos, não levaria, necessariamente, a uma nova união entre ser e pensar, que é o que propõe Hegel.

Desta posição, de separação do entendimento, Hegel diz que:

Contudo, essa inflexão que o conhecimento toma e que aparece como perda e retrocesso, tem como fundamento algo mais profundo [...]. A já mencionada reflexão feita é a seguinte: ultrapassar o imediato concreto e determinar e separar o mesmo. Mas ela tem de avançar igualmente além dessas suas determinações separadoras e, de início, relaciona-las. No ponto de vista desse relacionar surge o conflito. Esse relacionar da reflexão pertence em si à razão; a elevação para além daquelas determinações, que alcança a

intelecção do conflito das mesmas, é o grande passo negativo para o verdadeiro conceito da razão (HEGEL, 2011, p. 25).

Ora, desta citação podemos entender que a filosofia de Hegel não é um retorno à metafísica clássica, visto que a lógica hegeliana pressupõe o entendimento em seu interior, e que, portanto, há uma relação e diferenciação entre o ser e o pensar ou a essência e a existência⁸ em seus próprios momentos, porém eles se unificam novamente. Esta relação é uma relação de conflito, em que o ser se põe em relação ao pensar para que se conheça. Existe de fato a unidade entre o ser e o pensar dado que ambos possuem o mesmo conteúdo, mas esta relação não fica meramente na certeza, ela visa buscar a verdade. Hegel se utiliza do momento do entendimento para colocar em conflito e separação o ser e o pensar, mas para que estes se conheçam e se unifiquem. Desta forma, a filosofia hegeliana utiliza a revolução crítica como um momento do saber absoluto.

Conclusões Finais

As duas posições de Pippin, que entendem a unidade entre ser e pensar como inequívoca é acusar Hegel de, ou confundir as condições de pensamento com as condições de existência, ou apelar a uma noção de dependência metafísica entre a existência e a essência, não são justificáveis. A primeira porque Hegel não confunde as condições de pensamento e existência, pois elas possuem seu momento próprio preservado, mas estão em unidade na Ideia Absoluta, e a segunda parece ser um argumento fraco, pois não é uma mera dependência o ser ao pensar ou do pensar ao ser, ambos são preservados em seus momentos próprios. Dizer o contrário disso é defender a posição onde o:

objeto seria algo consumado, acabado, que poderia dispensar perfeitamente o pensamento para sua efetividade; ao contrário, o pensamento seria algo deficiente, que primeiramente teria de se completar com uma matéria e, na verdade, como uma forma dócil e indeterminada, teria de se adaptar à sua matéria. A verdade é a concordância do pensamento com o objeto e, a fim de produzir essa concordância, [...] o objeto deve ajustar-se a acomodar-se ao objeto (HEGEL, 2011, p. 23).

Ora, vemos que isso não é verdade e, portanto, para Hegel, há a unidade entre ser e pensar inequivocamente. Esta unidade pode ser entendida de diversas formas, e este entendimento leva-nos a considerar Hegel como um metafísico aos moldes antigos, (ao considerar o Absoluto como uma unidade transcendente de seus elementos constitutivos) ou como um pensador que extrapola os limites da revolução kantiana (ao considerar este absoluto como uma soma de partes distintas, mas inseparáveis). Desta forma, se entendermos que o ser e o pensar estão em uma unidade, não em uma unidade indiferenciada, mas sim uma relação que se coloca em conflito e, portanto, se eleva da certeza à verdade, podemos estabelecer uma terceira via interpretativa, onde Hegel constrói uma nova metafísica, mas não uma que simplesmente repete a metafísica clássica, mas uma que eleva, supera, suprassume o entendimento kantiano, criando uma metafísica dialética, onde há momentos de união e

⁸ Deve-se ressaltar que esta divisão é momentânea, é apenas uma etapa do desenvolvimento do Espírito Absoluto. Entretanto isto não invalida nosso argumento, visto que o que afirmamos é que o Absoluto possui momentos distinguíveis, porém inseparáveis. Pensar e ser estão em unidade assim como essência e existência, porém é possível distinguir cada elemento em seu momento próprio.

separação na elevação da certeza à verdade. Assim, o absoluto é mais que a mera soma de suas partes constituintes, pois ele possui o seu próprio momento.

Se considerarmos que esta unidade entre existência e essência não é uma relação inerte, mas sim que se coloca em relação no entendimento, temos um espírito absoluto que possui uma alteridade fundamental em sua interioridade e, então, este espírito não é apenas um absoluto simples e transcendente que não identifica em sua interioridade as diferenças entre ser e pensar ou essência e existência. Se considerarmos desta forma, Hegel é um autor que constrói uma metafísica pós-kantiana, e perguntar se ele retorna ou não a uma metafísica clássica ou extrapola os limites da filosofia crítica é um falso problema.

Dada estas três posições de Hegel, da unidade do ser e do pensar identificada na antiga metafísica, do entendimento kantiano e da superação desses dois momentos em uma reconciliação da unidade entre ser e pensar mediada pelo entendimento, podemos ver que Hegel claramente não se posiciona com a metafísica cartesiana ou leibniziana, nem com a revolução kantiana, mas, muito antes, cria uma nova forma de metafísica, que incorpora os dois momentos anteriores.

Referências Bibliográficas

- DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os Pensadores.
- _____. *Discurso do Método*. In: *Obras Escolhidas*, São Paulo: Difusão Européia do Livro 1962. Clássicos Garnier.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica* (excertos). São Paulo: Barcarola, 2011.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830). Tradução de Paulo Meneses e José Nogueira Machado. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. *Werke in Zwanzig Bänden*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1971.
- MORAES, A. O. *A Metafísica do Conceito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- PIPPIN, R. *Hegel's Idealism: The satisfaction of Self-Consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- TAYLOR, C. *Hegel e a sociedade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.